

POR UMA HISTÓRIA DA DOENÇA E DA SAÚDE NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO: PERCEPÇÕES SOBRE A HISTORIOGRAFIA EMERGENTE LOCAL (2013–2016)

José Mauriene Araújo Felipe
(Doutorando em História – PPGHis/UFES)

RESUMO:

Faz-se um exercício reflexivo sobre a produção historiográfica emergente enquanto resultado de estudos sobre as doenças e a saúde no Estado do Espírito Santo. Tem-se como suporte a participação e vivências do autor deste estudo durante os eventos denominados de Colóquios de História das Doenças, ocorridos respectivamente em 2013, 2014, 2015 e 2016, sob direção da Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo em parceria com a Casa de Oswaldo Cruz, na cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: História das Doenças; Historiografia; Estado do Espírito Santo.

ABSTRACT:

It aims to introduce a reflective exercise on the emerging historical production as a result of studies based on the disease research in the State of Espírito Santo. It is considered as an important support the participation and experience of the author of this study during the events named Conferences on History of Diseases occurred respectively in 2013, 2014, 2015 and 2016, under direction of the Coordinator of the Graduate Program in History at the Federal University of Espírito Santo, in a partnership with the Casa de Oswaldo Cruz, in Rio de Janeiro city.

Keywords: History of Diseases; Historiography; State of Espírito Santo.

I. Considerações iniciais

A primeira produção historiográfica sobre saúde e saúde pública no Estado do Espírito Santo data de fins do século XX. Trata-se de um opúsculo de 63 páginas, que foi publicado em 1992, pelo médico sanitarista Sebastião Cabral. O recorte cronológico dessa obra abrange uma longa duração que começa no Brasil colônia e estende-se até os dias “atuais”¹ (CABRAL, 1992). Nesse opúsculo estão resumidos registros sobre precariedades da saúde pública no país e no Espírito Santo, com destaque para o longo processo de crises conjunturais pelas quais passava o Brasil República, desde sua proclamação em 1889 até o final do Novecentos². Para um estudo que comporta um período de quase 500 anos de história da saúde e da saúde pública no Espírito Santo, resumido em apenas 63 páginas, entende-se que o médico-autor acima referenciado envida esforços no sentido de documentar, ao menos em parte, a problemática histórica da doença e da saúde em seu Estado, enfocando questões locais tendo como referencial o cenário geral do Brasil colonial, imperial e republicano. Ao longo desse opúsculo, pode-se perceber que o autor dá a entender que seu estudo está orientado para quatro objetivos centrais a serem alcançados: a) A obra tem o caráter de um trabalho introdutório; b) Fazer uma exposição abreviada dos antecedentes básicos da saúde pública surgidos no século XIX; c) Enquanto médico, o autor demonstra clara preocupação em relação à saúde do sistema social capixaba e da necessidade de políticas operantes voltadas para a prevenção de doenças; d) A obra se destaca por ser pioneira e de relevância no Estado do Espírito Santo. Mesmo em um trabalho tão resumido para um período de quase cinco séculos, o recado de Cabral (1992) é óbvio: denunciar e dar visibilidade às precariedades na saúde pública capixaba “atual”, e ainda vigentes no limiar do século XXI, não importa se para

1

O termo “atual” aqui utilizado tem o sentido dado por Sebastião Cabral no seu tempo, ano de 1992, quando da publicação de seu livro. Justifica-se que “atual” qualifica o tempo, a época presente de quem o utiliza, seja no passado próximo ou distante, seja no dia de hoje que não tardará ser passado.

2

Aqui se toma como marco o ano de 1992, data de publicação da obra de Sebastião Cabral.

tanto teve de recorrer a antecedentes do período colonial e imperial. Ao mesmo tempo, o médico sanitarista "quer" fazer um "convite" inferencial aos profissionais das Ciências Biomédicas e das Ciências Históricas para produzirem estudos em História da Medicina, da doença e da saúde.

Grosso modo, é real que o trabalho do médico sanitarista ficaria restrito aos espaços e ao silêncio de algumas bibliotecas por mais de uma década. Ainda assim, sob a coordenação editorial do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo – IHGES, em convênio com a Prefeitura Municipal de Vitória, infere-se que o opúsculo de Cabral (1992) viria a contribuir de fato para despertar interesse em estudiosos locais das Ciências Históricas. E, até certa instância, contribuiria também para o surgimento de estudiosos interessados na interface metodológica envolvendo História, Biologia e Medicina. Mais um passo e em pouco tempo viria a falar-se de *Uma História da Doença e da Saúde no Estado do Espírito Santo*. Para tanto, seria necessário o desenvolvimento de pesquisas e estas teriam sentido se comunicadas em eventos acadêmicos e publicadas, dependendo da motivação bem como do interesse da comunidade acadêmica local. Isso aconteceria pouco mais de duas décadas depois. Pode-se afirmar que o marco inaugural que viabilizaria interesse definitivo pelo opúsculo de Cabral (1992) foi, sem dúvidas, a edição do *I Colóquio de História das Doenças*, ocorrido em agosto de 2013, promovido pela Administração do Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas (PPGHis) da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, numa parceria inicial com a Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ. Era o começo do que se deliberou alcunhar de história e produção historiográfica emergente, resultado de estudos acadêmicos direcionados para uma História da Doença e da Saúde no Estado³.

3

O recorte temporal escolhido para o desenvolvimento deste estudo compreende um período de curta duração, qual seja: de 2013 a 2016. Os motivos para a delimitação desse recorte, com marco final em tempo presente (não se quer enquadrar metodologicamente esta pesquisa nos moldes de uma História das Doenças e da Saúde em tempo imediato), têm como justificativa tanto a produção de eventos voltados para abordagens e debates sobre doença e saúde quanto a publicação de significativo material historiográfico em tempo recorde e recente (o ano de 2016 ainda está em curso, pois a elaboração deste estudo data de fins de novembro/2016). Importa ainda notificar que essa produção historiográfica significativa resulta, a

II. Sobre o desenvolvimento de três pesquisas antes do advento do I Colóquio de História das Doenças – ano de 2013

Com seu pioneirismo, ao publicar em 1992 o opúsculo sobre saúde e saúde pública no Estado do Espírito Santo, Sebastião Cabral sensibilizaria profissionais da área de enfermagem, de graduanda do Curso de História da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES e de uma profissional de setor administrativo do Hospital Universitário Cassiano Antonio Moraes – HUCAM/UFES. Assim, consideram-se esses três trabalhos como produções prévias, em história da doença e da saúde enquanto fenômeno social, ao advento dos colóquios sobre história da doença e saúde no Espírito Santo, promovidos pela Coordenação do PPGHis/UFES, ocorridos durante o período de 2013 a 2016. Desse modo, antes de se adentrar diretamente na proposição específica deste estudo, faz-se questão de registrar alguns dados sobre esses três estudos elaborados no âmbito da UFES. Importa frisar que cada um desses três trabalhos tem suas peculiaridades temáticas e níveis de estudo próprios do conhecimento acadêmico-científico. Entretanto, as três pesquisas são complementares e, por meio delas, suas autoras tratam de questões relativas a doença, saúde e cura no Espírito Santo.

O primeiro trabalho foi publicado em 1998, pela EDUFES. Trata-se do livro intitulado de *Terapias Alternativas e Medicina Científica: Encontro ou Confronto?*, de autoria da Enfermeira Dra. Selma Blom Margotto. Apesar de no título dessa obra não se encontrar referência historiográfica feita ao local – Espírito Santo – e ao recorte cronológico, é fato que as questões colocadas pela autora, no título de seu trabalho, tem como cenário o Estado do Espírito Santo. As fontes para a elaboração prévia dessa pesquisa foram embasadas em

partir de 2014, do empreendedorismo da Coordenação e de estudiosos do PPGHis/UFES em conjunto com pesquisadores da FIOCRUZ e de estudiosos de História da UFMG. Outrossim, o que se denomina de historiografia emergente é resultado de conferências, mesas redondas, comunicações coordenadas e livres, etc. cuja exposição pública de textos passou, posteriormente, a fazer parte de coletâneas, de Dossiê da Revista de História da UFES, além da publicação do primeiro livro sobre a passagem da epidemia do cólera-morbo no Estado do Espírito Santo. Em relação a este último item historiográfico, mais adiante são dados esclarecimentos sobre tal especificidade.

considerável quantidade de entrevistas concedidas por profissionais da saúde do Centro Biomédico da UFES. A exemplo de Cabral (1992), Margotto (1998), mesmo não tendo registrado de modo objetivo o recorte cronológico do estudo, faz uso de um período de longa duração⁴ (de 1500 a 2000) para expor os resultados de sua pesquisa. Lendo-se os capítulos de seu livro de 156 páginas, encontram-se os fundamentos epistemológicos de seu trabalho, os quais evidenciam de modo claro esse tempo de 500 anos, que é, grosso modo, também o tempo do Espírito Santo desde o período colonial até hoje. Entre os quatro objetivos axiais da obra, destaca-se aquele que diz respeito a "Um esboço histórico dos conceitos e saberes em saúde, enfatizando a implantação e sedimentação da medicina científica como prática oficial, no Brasil e, principalmente, no Estado do Espírito Santo" (MARGOTTO, 1998, p. 15). Considera-se a obra em alusão como importante contribuição para com a História e produção historiográfica dos saberes médicos em âmbito local.

Os outros dois estudos são da primeira década do século XXI. O primeiro foi produzido em 2002 e o segundo, em 2009. A diferença temporal entre esses dois trabalhos é, portanto, de sete anos. O estudo de 2002 é uma Monografia de conclusão de Curso de Graduação em História, intitulada de *As epidemias que grassaram no Brasil e no Espírito Santo durante o século XIX, entre os anos de 1840 e 1860*, da autoria de Patrícia Rodolfo Serafim. Já o estudo de 2009 é uma Dissertação de Mestrado em História Social das Relações Políticas – PPGHis/UFES, denominada de *Sanatório Getúlio Vargas: medicina e relações sociais no combate da tuberculose no Espírito Santo (1942-1967)*, defendida por Maria Zilma Rios. Essa Dissertação de Mestrado é pioneira no que concerne ao desenvolvimento de um estudo acadêmico-científico sobre uma doença

4

Importa registrar que na capa do livro de Margotto, muito abaixo do título, tem uma série secular e anual de datas, que se reproduz a seguir: 1500, 1600, 1700, 1800, 1900, 1940, 1980 e 2000. Isto explicita a longa duração de 500 anos de história de práticas de saberes, tendo por base as terapias alternativas e a medicina científica. Percebe-se que a autora dá especial atenção para o século XX, no qual as datas de 1940 e 1980 demarcam instâncias de avanço científico no que concerne ao combate à doença, à busca da cura e preservação da saúde. Outrossim, a data de publicação do livro de Margotto é 1998, aproximadamente dois anos antes de 2000. Considera-se esse procedimento errôneo, pois "funciona" como se houvesse uma antecipação teleológica do futuro em Ciências Históricas. No entanto, esse detalhe não tira o mérito do trabalho em discussão.

específica – a tuberculose – que marcaria, de modo radical, a cultura ocidental. As distinções entre essas duas pesquisas são sobremaneira de caráter metodológico e em níveis bastante diferenciados. Uma foi desenvolvida na modalidade *lato sensu* e a outra é um estudo em nível *stricto sensu*, preponderantemente acadêmico-científico. Não obstante, a Monografia tem servido como marco referencial (de citação e de inspiração) para a elaboração de outros estudos, mormente no que diz respeito às passagens de epidemias pela Província do Espírito Santo, ao longo do século XIX. Posteriormente, os trabalhos gradativos de Franco (2013, 2014 e 2015) sobre os surtos de cólera no Espírito Santo provincial culminariam com a publicação do primeiro livro tratando especificamente sobre a passagem dessa epidemia em grande parte do território da Província, conforme registro e comentários mais adiante.

Finalmente, ao se levar em consideração o ano de publicação do opúsculo de Cabral (1992) e o ano em que o livro de Franco (2015) sobre a passagem do cólera-morbo no Espírito Santo foi publicado, tem-se a impressão de que os 23 anos que “separam” uma obra da outra não permitem o diálogo desses estudos introdutórios sobre a História das Doenças e da Saúde em território capixaba. O conteúdo da obra de Cabral (1992) não está defasado, como diriam alguns. Muito pelo contrário. Ao longo do desenvolvimento deste estudo fica implícita a íntima relação dialogal entre essas duas obras pioneiras. Igualmente, as pesquisas de Margotto (1998), de Serafim (2002) e de Rios (2009) contribuem para reforçar o diálogo histórico-médico de fins do século XX com o início do século XXI. Em última instância, os estudos dessas três pesquisadoras apresentam-se como sendo um dentre os vários motivos para que a rápida expansão nas pesquisas sobre História das Doenças e da Saúde nesse curto período de tempo ocorresse na UFES, tornando-se assim emergente. De 2013 a 2016, a academia capixaba passou a ser o lócus de exercícios práticos e de produção historiográfica sobre a temática aqui discutida. Em relação aos outros motivos que contribuiriam para que tomadas de decisões fossem orientadas para uma produção acadêmico-científica sobre a problemática em pauta, fazem-se alguns registros sobre as primeiras

atividades, produções e publicações de trabalhos sobre doença e saúde efetuadas no Rio de Janeiro/RJ.

III. O ser humano e as doenças

Em suas origens naturais, a doença e a saúde existem desde sempre. Em sentido amplo, esses fenômenos não necessitam da existência dos seres humanos para ocorrerem. Porém, enquanto objeto de estudos resultantes de representações sócio-culturais e objeto de pesquisas em Ciências Históricas, as doenças fazem parte do cotidiano dos homens desde o surgimento da espécie. A humanização das enfermidades tornaram-se fatos culturais na medida em que práticas de agricultura e de pecuária foram sendo consolidadas, desde seus primórdios (BURGUIÈRE, 1993).

Para cada cultura estabelecida em determinado tempo e espaço geográfico correspondem diferentes modalidades de manifestação de um complexo patológico. Isso permite compreender por que até os dias atuais, a despeito do considerável processo evolutivo das biotecnologias, das melhorias nos saberes médicos e das práticas envolvendo o paradigma anátomo-clínico (FOUCAULT, 1996), amparadas, vale enfatizar, pelas "revoluções" técnico-laboratoriais, as causas naturais das doenças e a complexidade no processo de sua transmissão continuam sendo motivo de intermináveis pesquisas e descobertas científicas.

Se as culturas em face das epidemias e em virtude de seu poder devastador mudam com certa rapidez, o imaginário dos homens sobre as doenças em geral também se vão modificando através dos tempos. Não obstante, as ações para se combaterem morbidades de toda espécie praticamente continuam as mesmas. "[...] as atitudes face às doenças em nada se alteraram. [...] a crença inveterada na eficácia da magia [...] e nos mágicos [...]" (LE GOFF, 1985, p. 7) é a mesma nos tempos modernos. Nos estudos sobre as relações humanas diante de enfermidades, desde os tempos mais remotos da civilização até a contemporaneidade, mesmo com o apoio

extraordinário das tecnologias biomédicas, doença e saúde se confundem e longe estão de serem confinadas dentro de teorias e ou conceitos reducionistas.

No ensejo, vale a pena lembrar que na primeira metade do século XX afirmou-se o seguinte: "Na realidade, não existem doenças, mas apenas pessoas doentes" (FLECK, 2010, p. 64). Para dar reforço a este enunciado, de certo modo impactante, infere-se que "[...] as doenças têm apenas a história que lhe é atribuída pelo homem. A doença não tem existência em si [mesma], é uma entidade abstracta [sic] à qual o homem dá um nome" (SOURNIA, 1985, p. 359).

IV. Coletânea “Uma História Brasileira das Doenças” – Alguns comentários

A produção de pesquisas modernas voltadas para “uma” história brasileira das doenças e da saúde no Brasil, enquanto fenômeno sócio-cultural, é recente. Esse movimento, liderado por estudiosos da Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, em parceria com a Coordenadoria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, tem como marco inicial o *I Seminário História das Doenças*, ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, em 2004. Esse primeiro encontro representaria a concretização de um objetivo planejado por uma equipe determinada em dar início aos estudos sobre a proposta supramencionada. Em tempo recorde, foi publicado o primeiro livro – o Volume nº 1 – de *Uma História Brasileira das Doenças*. Esse fato contribuiria para dar continuidade à publicação de outras coletâneas, que neste ano de 2016 atingiu seu Volume nº 6⁵. Ainda sob os efeitos da efervescência dos temas expostos no primeiro encontro, em 2006 foi realizado o *II Seminário História das Doenças*, com o propósito de aprofundar os debates do primeiro evento ocorrido em 2004. No mesmo ano do segundo evento – em 2006, foi publicado o Volume nº 2 da coletânea *Uma História Brasileira das Doenças*.

5

Os Volumes nº 4, nº 5 e nº 6 da coletânea *Uma História Brasileira das Doenças* foram lançados no Estado do Espírito Santo, em 2014, 2015 e 2016, respectivamente, em noite de autógrafos nas dependências da Biblioteca Pública do Espírito Santo. Conforme explicitado no tópico IV deste estudo, houve uma mudança de lócus da cidade do Rio de Janeiro para Vitória.

Realizamos, neste ano de 2006, o II Seminário História das Doenças, que pretendeu aprofundar o tema sobre a doença como fenômeno social, ampliando a reflexão para as diversas práticas terapêuticas, funcionando como um fórum de debate e troca acadêmica entre os pesquisadores das universidades e centros de pesquisa brasileiros dedicados aos estudos dessa temática (NASCIMENTO, CARVALHO e MARQUES, 2006, p. 8).

Mais um “fórum” viria a ocorrer na cidade do Rio de Janeiro. Em 2008, foi realizado o *III Seminário História das Doenças* e dois anos depois, em 2010, seria publicado o Volume nº 3 da série *Uma História Brasileira das Doenças*. Percebe-se que a periodicidade concernente à publicação das coletâneas mudou a partir do terceiro evento. Nos dois primeiros eventos, as publicações deram-se no mesmo ano de ocorrência dos I e II Seminários, conforme elucidação a seguir:

A periodicidade bienal, que acompanhava a da realização dos Seminários de História das Doenças, foi seguida no lançamento dos dois primeiros volumes. No entanto, este terceiro volume amplia a periodicidade da coletânea – necessidade para manter seu caráter de seleção de trabalhos que abordam novos temas, novos enfoques e aportes teóricos para a construção de interfaces disciplinares (NASCIMENTO e CARVALHO, 2010, p. 7).

Como se pode depreender, o prolongamento da periodicidade de dois para quatro anos, no que respeita à publicação das duas primeiras coletâneas de estudos sobre história das doenças, teve como causa precípua os seguintes fatores: a) O aumento na demanda de pesquisadores interessados em participar dos eventos em questão; b) A necessidade imperiosa da inclusão de novos temas, novos enfoques para discussão; c) Em decorrência dos itens citados na letra “b”, o aprimoramento de aportes teórico-metodológicos no desenvolvimento de pesquisas. Essas melhorias na coordenação do terceiro evento – em 2008 – e respectiva publicação de textos na modalidade de coletânea – no ano de 2010 – seriam fundamentais para dar novos rumos, ensejar o surgimento de novos estudos e, surpreendentemente, mudar de lócus, de nome e a periodicidade na continuidade do evento⁶. Visava-se a ampliação de horizontes; objetiva-se a

6

busca de alternativas, de perspectivas mais ousadas, conforme exposição no tópico seguinte.

V. Do Rio de Janeiro para Vitória: os “Colóquios de História das Doenças”

O período compreendido entre 2004 (*I Seminário História das Doenças*, ocorrido no Rio de Janeiro) e 2013 (data do *I Colóquio de História das Doenças*, ocorrido em Vitória) corresponde a uma década completa. De acordo com o exposto no tópico IV logo acima, o ano de 2004 demarcou o início de uma área das Ciências Históricas até então pouco explorada. O *I Seminário História das Doenças* abriria espaços para pesquisas de "objetos" já existentes, sim, porém pouco abordados. Em 2006, reconhecia-se que “O campo da história das doenças é uma **área em consolidação** no interior da comunidade de historiadores” (NASCIMENTO, CARVALHO e MARQUES, 2006, p. 7, negrito nosso). Concorde-se em grande parte com o conteúdo dessa referência. Entretanto, no que concerne à consolidação dos estudos sobre doenças no Brasil, admite-se que essa subárea das Ciências Históricas estavam apenas iniciando e o termo "consolidação" pressupõe maturidade de eventos ainda em fase inicial. Infere-se, pois, que no ano de 2006 (dois anos depois de ocorrido o I Seminário) ainda era “cedo” para que se utilizasse esse termo, que só em parte confere *status* epistemológico a estudos abordados em apenas dois eventos através dos quais se buscava ampliar a reflexão, “[...] aprofundar o tema sobre a doença como fenômeno social [...]” (NASCIMENTO, CARVALHO e MARQUES, 2006, p. 8). Desse modo, a necessidade desse “aprofundamento” reflete a carência de se reforçarem os aportes teórico-metodológicos de pesquisas sobre doença e saúde, as quais se consideram à época ainda em processo “iniciante”. Ao se fazer esta reflexão, leva-se em conta o início de experiências e o exercício de práticas voltadas para uma produção historiográfica de curto prazo: uma especificidade estudada no período de apenas dois anos.

Em Vitória, a periodicidade dos colóquios mudaria radicalmente, passando a ser anual. Assim, em 2013 ocorreu o *I Colóquio de História das Doenças*; em 2014, o *II*; em 2015 e 2016, ocorreram respectivamente os *III* e *IV Colóquios de História das Doenças*. Esses quatro eventos tiveram como lócus as dependências do PPGHis/UFES.

Essa temática das doenças enquanto fenômeno resultante das relações sócio-culturais viria a entrar num processo de “área em consolidação” a partir de 2013 (uma década depois da ocorrência inaugural do I Seminário de 2004), quando os *Seminários de História das Doenças* mudaram de lócus, de periodicidade, de nome e foram ampliados geograficamente: em 2013 aqueles seminários migraram da cidade do Rio de Janeiro para Vitória-ES, quando ocorreu o *I Colóquio de História das Doenças*. Quanto à sua amplificação geográfica, foi durante o *II Colóquio de História das Doenças* – ano de 2014, que estudiosos de Estados da Região Nordeste e da Região Sul trouxeram novas leituras, olhares e propostas para o enriquecimento das pesquisas já desenvolvidas e em andamento dos Estados da Região Sudeste. Faz-se questão de enfatizar que em 2013 deu-se a inclusão do Estado do Espírito Santo no cenário das pesquisas em discussão, a nível regional, pois os estudos iniciados por pesquisadores da FIOCRUZ em parceria com a UFRJ estavam, grosso modo, restritos ao Rio de Janeiro, Minas Gerais e ao Estado de São Paulo. De 2014 em diante, com a inclusão de outras regiões do país, o Estado do Espírito Santo passou a ser o centro geográfico onde os estudos históricos sobre doença e saúde viriam a contribuir ainda mais para com o processo de consolidação da temática em apreço. Em vez de uma periodicidade bienal, os *Colóquios de História das Doenças* passaram a ser anuais e a ter projeção nacional.

Não é excessivo enfatizar que essas mudanças de 2013 alterariam a face dos seminários ocorridos no Rio de Janeiro: além da inclusão do Estado do Espírito Santo, a Coordenação do PPGHis/UFES passou a convidar pesquisadores de Estados de outras regiões do país para apresentarem seus estudos, contribuindo assim para ampliar a área dos trabalhos sobre as doenças enquanto fenômeno social em um Brasil continental e rico de diversidade climática, de peculiaridades ambientais, políticas, econômicas e socioculturais. O que deveria ser o *IV Seminário História das Doenças* passou a ser denominado de *I Colóquio de História das Doenças*, ocorrido nos dias 30 e 31 de julho de 2013, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em História –

PPGHis, da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, em parceria com a Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ. No mesmo ano de 2013 foi publicada a coletânea *Uma História Brasileira das Doenças* – Volume nº 4. A escassez de pesquisadores do Espírito Santo a apresentarem trabalhos nesse I Colóquio seria natural, pois era o começo de “tudo” em território capixaba. Essa seria uma razão a mais para que a Coordenação do PPGHis/UFES arregaçasse as mangas e envidasse esforços orientados para dar continuidade ao que viria ocorrer nos três anos seguintes: em agosto de 2014 foi realizado com sucesso o *II Colóquio de História das Doenças*; em agosto de 2015 concretizou-se o *III Colóquio de História das Doenças*; e em outubro de 2016 houve a quarta edição desse evento, isto é, o *IV Colóquio de História das Doenças*. Nessa instância, os domínios de *Uma História Brasileira das Doenças*, tendo como lócus eventual o território capixaba, entram em um reconhecido processo de consolidação, agora em âmbito nacional, envolvendo a participação de uma gama maior de comunidades de historiadores egressos de todas as Regiões do Estado brasileiro.

Para se ter uma noção global do porte do *III Colóquio de História das Doenças*, ocorrido nos dias 11, 12 e 13 de agosto de 2015, a participação de professores pesquisadores e de estudantes de pós-graduação (mestrandos e doutorandos em História, do PPGHis/UFES e de outros Estados brasileiros) foi distribuída em Conferência de Abertura, Mesas Redondas e Comunicações Coordenadas. No total, estiveram presentes representantes de quinze Instituições brasileiras de Ensino superior/IES, conforme relação a seguir: UFRJ, UFES (4 pesquisadores), Casa de Oswaldo Cruz/COC (5 pesquisadores), PUC-RJ, UNIOESTE, UFMG (3 pesquisadores), USP, UFPR, UEG, UFCA, UFAM, UFU, UFG, UFPE e UECE. Percebe-se que a presença de pesquisadores de todas as Regiões brasileiras é de 100%. No que concerne ao número de pesquisadores por Estado, estatisticamente o número de pesquisadores foi distribuído do seguinte modo: Rio de Janeiro = 8; Espírito Santo: 4; Minas Gerais, Ceará, Goiás e Paraná = 2 pesquisadores para cada Estado. O *III Colóquio de História das Doenças* não foi de caráter apenas quantitativo: as

Comissões Coordenadoras – PPGHis/UFES em parceria com a FIOCRUZ – priorizaram a qualidade no processo “em consolidação” do referido evento, desde as conferências até as comunicações coordenadas de estudos sobre História das Doenças, privilegiando a diversidade, a inovação e o rigor acadêmico científico dos trabalhos expostos.

VI. A produção acadêmica sobre doença e saúde no Espírito Santo

O desenvolvimento de pesquisas sobre História das Doenças no Estado do Espírito Santo, a comunicação de trabalhos e suas publicações têm como eixo norteador os eventos anuais denominados de Colóquios. A parceria de estudiosos da FIOCRUZ com pesquisadores iniciantes do PPGHis/UFES tem sido, sem sombra de dúvidas, a mais profícua possível. A experiência dos profissionais da Casa de Oswaldo Cruz – COC tem contribuído diretamente para motivar pessoas tanto das Ciências Históricas quanto de ciências afins, auxiliares e mesmo multidisciplinares. Essa busca de interação entre historiadores e pesquisadores de outras áreas faz parte da filosofia das Comissões Organizadoras desde 2004. É fato que “[...] antropólogos, biólogos, sociólogos e médicos, principalmente os que atuam na saúde pública, medicina preventiva e medicina social” (NASCIMENTO, CARVALHO e MARQUES, 2006, p. 8), são todos bem-vindos. A estratégia de mudança de lócus da cidade do Rio de Janeiro para Vitória tem contribuído para com a produção de resultados cada vez mais promissores, não só para o Espírito Santo e FIOCRUZ, mas para o Brasil como um todo.

Por oportuno, registra-se o fato de que a elaboração de estudos em História das Doenças enquanto fenômeno social produzidos no Espírito Santo tem como eixo norteador, durante esse curto período de quatro anos (2013-2016), os eventos *I, II, III e IV – Colóquios de História das Doenças*. No geral, tem sido a partir da ocorrência anual desse tipo de seminário que a produção e publicação de pesquisas, em nível de Mestrado e Doutorado no PPGHis/UFES, vem sendo motivada, oportunizando o surgimento dos primeiros profissionais nessa área do conhecimento histórico no Espírito Santo. A seguir, faz-se

levantamento estatístico geral da produção acadêmico-científica e também da produtividade historiográfica, considerada emergente, sobre História das Doenças e da Saúde no Estado do Espírito Santo, levando-se em conta o recorte temporal recente de 2013 a 2016.

Ano de 2013 – I Colóquio de História das Doenças

A programação desse I Colóquio esteve restrita aos dias 30 e 31 de julho. As propostas comunicadas por pesquisadores capixabas resumiram-se a duas: a) “O Terribilíssimo Mal do Oriente: a cólera na Província do Espírito Santo”; e b) “A Implementação de Políticas Públicas para a Saúde no Brasil”. Maiores resultados vieram com o lançamento do Volume nº 4 da coletânea *Uma História Brasileira das Doenças*⁷, organizado por profissional da FIOCRUZ e por dois pesquisadores da UFES. O livro consta de três Capítulos produzidos por estudiosos da UFES, quais sejam: Capítulo 4 – *Cólera e surtos epidêmicos no Oitocentos, no Espírito Santo (1855-1856)*; Capítulo 8 – *A implementação de políticas públicas para a saúde no Brasil e Espírito Santo*; e Capítulo 9 – *A tuberculose no Espírito Santo e as ações do Estado no combate à doença*.

Ano de 2014 – II Colóquio de História das Doenças

A periodicidade diária da programação do II Colóquio foi estendida de dois para três dias, como seja: 11, 12 e 13 de agosto de 2014. O evento foi aberto com uma conferência de um pesquisador do Swarthmore College, Philadelphia-EUA. A despeito do aumento no número de dias, ao longo do II Colóquio apenas uma proposta feita por pesquisador capixaba foi comunicada, a saber: *A Passagem da Epidemia de Febre amarela na Província do Espírito Santo no Oitocentos*. Por outro lado, registram-se dois trabalhos sobre História das Doenças produzidos no ano de 2014, quais sejam: a) Defesa de Dissertação de

7

Uma História Brasileira das Doenças – volume 4 foi o primeiro lançamento dessa coletânea no Espírito Santo. A mesma resultou de conferências e pesquisas apresentadas nas “Mesas Redondas” do I Colóquio de História das Doenças, ocorrido em 30 e 31 de julho de 2013. A despeito de o livro ter sido impresso em 2013, o mesmo só veio a público na noite de seu lançamento, em abril de 2014.

Mestrado – PPGHis/UFES, denominada de: *Colônia de Itanhenga – A luta contra a lepra no Espírito Santo (1934-1945)*; e b) *Pânico e Terror: a presença da cólera na Província do Espírito Santo (1855-1856)*.

Ano de 2015 – III Colóquio de História das Doenças

A periodicidade de três dias seria mantida no III Colóquio. Coincidência ou não, os dias do evento foram os mesmo do ano anterior, como seja: dias 11, 12 e 13 de agosto de 2015. No que se refere à programação, houve um salto considerável tanto quantitativo quanto qualitativo. Além da Conferência de Abertura e das Mesas Redondas (uma no dia 11 e duas em horários alternativos nos dias 12 e 13), o evento foi enriquecido por Comunicações Coordenadas, sempre das 18:30 às 20:30 horas, durante os três dias. Apesar dessa extensão na carga horária, somente uma proposta desenvolvida por pesquisador do PPGHis/UFES foi comunicada em uma das cinco Mesas Redondas, com o título de *A Epidemia de Cólera no Espírito Santo pela Lente do Correio da Victoria (1855-1856) ou quando as doenças viram Notícias*. Já no decorrer das Comunicações Coordenadas, quatro pesquisas sobre História das Doenças no Espírito Santo foram apresentadas.

Na sequência das produções historiográficas em 2015, outros trabalhos, considerados relevantes para a consolidação das proposições oferecidas nos I, II e III Seminários ocorridos no Rio de Janeiro, foram lançados dois livros e um Dossiê sobre doenças em Revista de História, conforme relação a seguir: a) Publicação da coletânea *Uma História Brasileira das Doenças – Volume nº 5*, sob a Organização de pesquisador do PPGHis/UFES em parceria com uma pesquisadora da FIOCRUZ e outra da UFMG. Ao contrário do Volume nº 4, onde constam três capítulos sobre doenças no Espírito Santo, no Volume nº 5 há apenas um capítulo, o de número 4, cuja proposição é a seguinte: *A Presença da Febre Amarela na Província do Espírito Santo no século XIX*; b) Publicação do primeiro livro sobre História das Doenças no Estado do Espírito Santo, com o título de *O Terribilíssimo Mal do Oriente: o cólera na Província do Espírito Santo (1855-1856)*, da autoria de Sebastião Pimentel Franco. Essa obra, em acordo

com as exposições sobre o cólera-morbo feitas neste estudo, resulta da evolução de uma série de duas pesquisas anteriores que foram publicadas como capítulo da coletânea Volume nº 4 e como artigo da Revista Almanack. Ao longo de 250 páginas, Franco (2015) desenvolve um trabalho amadurecido sobre um assunto “emblemado” na sua comunicação apresentada no I Colóquio, julho de 2013. Naquela ocasião, o pesquisador enunciava o que se transformaria três anos depois em um exercício historiográfico sobre assunto tão importante para o conhecimento da sociedade de meados do século XIX, na Província do Espírito Santo. A despeito do pioneirismo sobre o tema em discussão, não se pode deixar de registrar o fato de que a “devassa” que o cólera-morbo provocou em terras capixabas de então longe está de ser exaurida. Certamente, o pesquisador se defrontou ante algumas dificuldades no que concerne à quantidade de fontes disponíveis sobre essa questão, durante sua trajetória de “peregrinação” para obter documentos com os quais pudesse manter um “diálogo” no afã de desvelar essa “história” que se permite mostrar apenas parcialmente; c) Edição em 2015 da Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFES – Dimensões Revista de História da UFES –, apresentando o Dossiê *História da Saúde e das Doenças*. Os Coordenadores desse Dossiê foram generosos ao democratizarem uma diversidade de temas, num total de doze pesquisas provenientes de várias regiões do Brasil, conforme excerto abaixo:

Os artigos que compõem o Dossiê *História da saúde e das Doenças* refletem a variedade de temáticas, usos de fontes e possibilidades de diálogo com diferentes metodologias que vem [sic] surgindo nos últimos tempos, explorando desde linhas já mais consolidadas, como os estudos sobre as instituições, até perspectivas mais recentes, dentro de discussões como o das histórias conectadas, circulação de saberes, e história global. Dialogando com variados ramos da pesquisa histórica, os autores nos dão mostras a um só tempo da expansão dos estudos sobre história da saúde e das doenças no Brasil e de seus variados matizes, fazendo-nos notar um **campo de investigações** que, apesar de **consolidado, tende a crescer de modo pulsante nos próximos anos** (FRANCO; KODAMA, 2015, p. 1, grifo nosso).

A referência feita acima pode ser considerada em parte como sendo uma radiografia real dos estudos sobre doença e saúde levados a termo nos Colóquios ocorridos no âmbito do PPGHis/UFES, conforme mencionados acima. No entanto, o que está em negrito, ao final da citação, é uma previsão perigosa, pois estudiosos de Ciências Históricas nunca fazem uso da teleologia (previsão do futuro) no processo de elaboração de suas pesquisas. Nada há que garanta com certeza o crescimento "de modo pulsante nos próximos anos" dessas investigações históricas sobre doença e saúde, nem no Estado nem no Brasil.

No que diz respeito à produção local de artigos para o dossiê da revista em apreço, foi reservado para o Estado do Espírito Santo um trabalho intitulado de *A lepra no Espírito Santo: de fagueira ilusão à Colônia de Itanhenga*. Para muitos pesquisadores locais, envolvidos em estudos sobre doença e saúde enquanto fenômeno histórico e sócio-cultural no Espírito Santo, ficou aquela sensação de "lacuna", em cujos espaços estudos de mestrados e de doutorandos "imprimem" suas ausências. Esses anônimos pesquisadores receberam a Revista com vontade de lerem mais sobre a historiografia da doença e saúde emergentes no Estado.

Ano de 2016 – IV Colóquio de História das Doenças

Em meio à grande crise político-partidária, econômica e social no Brasil de 2016, as Instituições de Ensino Superior/IES, sobretudo as federais, sofreriam os impactos dessa travessia (ainda hoje em pleno processo) no âmbito da educação em geral. As greves de funcionários, de estudantes e de professores universitários tomariam o país de norte a sul. Mesmo diante de tantas dificuldades, a Coordenação do PPGHis/UFES, em parceria com a FIOCRUZ, envidaria todos os esforços possíveis no sentido de celebrar o *IV Colóquio de História das Doenças*. Manteve-se a periodicidade diária e o evento ocorreu nos dias 17, 18 e 19 de outubro.

Em relação à programação, mantiveram-se a qualidade e a quantidade que caracterizou o III colóquio, ocorrido em 2015. A Conferência de Abertura ficou a cargo da pesquisadora francesa Ilana Löwi, que apresentou a *Epidemia*

da Zika no Brasil: Algumas Lições da História. Cinco "Mesas Redondas", compostas por historiadores de IES de quase todas as regiões do país, propiciaram apresentações e aprofundamento de estudos em torno da doença e da saúde no Brasil. Importa registrar o fato de que a "Mesa Redonda" de número 5 foi nominada de *História das Doenças no Espírito Santo*. A mesa estava composta por quatro historiadores do PPGHis/UFES e uma coordenadora. De acordo com o título da "mesa", a ideia que se tinha era da exposição de quatro pesquisas distintas desenvolvidas no Estado. Porém, todas as propostas giraram em torno do levantamento de documentos sobre a lepra no Espírito Santo, tendo como lócus o Leprosário Colônia de Itanhenga – Cariacica/ES. Na verdade, esses quatro historiadores apresentaram uma variedade de levantamento de dados, distribuídos do seguinte modo: "fontes", "prontuários médicos", "documentação administrativa" e "depoimentos de leprosos locais". Uma *História das Doenças no Espírito Santo* pressupõe a abordagem (ou abordagens) sobre determinado número de morbidades que acometeram populações do Estado, em diversas localidades, em tempos e contextos diferentes, por exemplo. Para este autor, os quatro membros proponentes da "Mesa Redonda" de número 5 expuseram quatro resultados "diferenciados" em torno de levantamento de dados sobre uma mesma doença: a lepra. Na verdade, as abordagens não trataram de resultados de pesquisas, mas do enquadramento de documentos, os quais servirão como banco de dados para a construção de estudos futuros. A proposta é relevante e pode, sim, ser inserida no que se comentou mais acima, como seja: trata-se de pesquisas sobre a história da doença e saúde fazendo parte de um processo constante para "consolidação" desse campo de estudos no âmbito do PPGHis/UFES.

Quanto às "Comunicações Coordenadas", registram-se o número de 10. Entre estas, três propostas foram de pesquisadores capixabas, conforme esclarecimentos a seguir: a) Dois autores apresentaram estudos sobre dois diferentes olhares em torno do isolamento de pessoas acometidas por lepra, sendo o lócus do tratamento o mesmo Leprosário Colônia de Itanhenga – Cariacica/ES; b) Um pesquisador apresentou um estudo denominado de A

Loucura como determinante do Estudo Literário de Friedrich Nietzsche (1844-1900).

Importa ainda registrar o lançamento do livro *Uma História Brasileira das Doenças* – volume 6, lançado em 18 de outubro de 2016, no mesmo espaço dos lançamentos das duas coletâneas anteriores – Biblioteca Pública do Espírito Santo. Coordenado por um historiador do PPGHis/UFES, uma da FIOCRUZ e uma da UFMG, deve-se reconhecer que esse livro representa a celebração dos esforços em conjunto dessas Coordenações parceiras, em momentos de crises nacionais. O excerto seguinte pode servir como justificativa desta enunciação.

No seu sexto número, a coleção é um verdadeiro retrato da variedade e da riqueza de temas e abordagens oferecidas por esse campo de investigação. A presença de novos pesquisadores e novas experiências históricas [...] é ainda um bom termômetro do interesse e o sucesso que a temática tem alcançado entre os pesquisadores brasileiros [...] (FRANCO; NASCIMENTO; SILVEIRA, 2016, p. 7).

Igualmente, não se pode deixar de mencionar que a coletânea *Uma História Brasileira das Doenças* – volume 6 – consta de dois capítulos de pesquisadores do PPGHis/UFES, quais sejam: a) *O Cólera no Espírito Santo pela Lente do correio da Vitória (1855-1856) ou quando as Epidemias viram Notícias*; e b) *Surtos Epidêmicos de Varíola na Província do Espírito Santo: Século XIX*. Depreende-se, pois, que história e historiografia de doença e saúde no Espírito Santo representam não apenas riqueza de variedade de temas e abordagens, mas é uma área das Ciências Históricas emergente que se consolida na academia espírito-santense.

VII. Considerações finais

Ao término deste estudo resumido e inconcluso, considera-se que o mérito das intenções do médico sanitariano Sebastião Cabral, registradas por meio da escrita e publicação de seu opúsculo sobre “Saúde Pública no Espírito Santo”, em 1992, está no fato de sua ousadia solitária repercutir décadas depois. Juntamente com as ideias de Margotto (1998), Serafim (2002), Rios

(2009) e de Franco (2015), as dele também operam no sentido de retirar do esquecimento “[...] da maioria dos governantes [tanto] atividades preventivas próprias da saúde pública [...]” (NEVES, 1992) quanto propiciar a emergência de uma História das Doenças e da Saúde no Espírito Santo, ensejando e reforçando a construção de uma interface entre Ciências Históricas e Saberes Médicos. Em seu conjunto, essa empreitada contribuirá para a "consolidação", ainda em processo de "movimento", de uma História das Doenças e da Saúde no Estado capixaba e no Brasil.

Os *I, II, III e IV Colóquios de História das Doenças*, ocorridos respectivamente nos anos de 2013, 2014, 2015 e 2016, na Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, são o mais atual diagnóstico sobre como está se movendo a consolidação das pesquisas em História da Doença e da Saúde, tanto em nível nacional quanto em âmbito local. Sem a pretensão de se destacar como programa de “referência”, em parêntese com a tradição dos estudos sobre saúde e doenças há bastante tempo em processo de desenvolvimento na FIOCRUZ, por exemplo, as pesquisas e, em consequência, a produção historiográfica estão avançando. Entretanto, a realização anual de eventos voltados para essa problemática considerada recente, levada a termo com garra e eficiência pela Coordenação do PPGHis/UFES em parceria com profissionais da FIOCRUZ, é “algo” para o qual se deve ficar atento, pois existem expectativas de alargamento de horizontes e aprofundamento de conhecimentos. Isto justifica a existência de Uma História das Doenças e da produção de uma historiografia no Estado do Espírito Santo, consideradas emergentes. Não é possível legar a segundo plano os quatro Colóquios, de frequência anual, e suas múltiplas comunicações e produções historiográficas das mais diversificadas procedências, incluindo as pesquisas locais, abrangendo o período de quatro anos seguidos.

Atuação profissional: pesquisador, escritor e professor de Ciências Históricas; pesquisador, escritor e professor de Língua Inglesa.

Titulação: Graduado em História pela Universidade Federal do Ceará – UFCE; Pós-Graduado em História Social e Mestre em História Social das Relações Políticas pelo Programa de Pós-Graduação (PPGHis) da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES; Pós-Graduado em Gestão Empresarial pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Minas Gerais; Pós-Graduado em Língua Inglesa pelo Departamento de Línguas e Letras (DLL) – UFES; Doutorando em História Social das Relações Políticas pelo PPGHis-UFES.

Endereço eletrônico: felipemauriene@gmail.com

VII. Referencial bibliográfico

BURGUIÈRE, André (org.). *Dicionário das ciências históricas*. Tradução de Henrique de Araujo Mesquita. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

CABRAL, Sebastião. *Saúde pública no Espírito Santo: da Colônia aos dias atuais*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1992.

FLECK, Ludwik. *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*. Tradução de Georg Otte e Mariana Camilo de Oliveira. Belo Horizonte: Fabrefactum Editora, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 12ª ed. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1996.

FRANCO, Sebastião Pimentel. *O terrívelíssimo mal do Oriente: o cólera na província do Espírito santo (1855-1856)*. Vitória: EDUFES, 2015.

FRANCO, Sebastião Pimentel; KODAMA, Kaori (Org.). Apresentação. In: *Dimensões Revista de História da Ufes*, Vitória, vol. 34, p. 1-4, 2015.

FRANCO, Sebastião Pimentel; NASCIMENTO, Dilene R. do; SILVEIRA, Anny J. Torres (Org.). Apresentação. In: *Uma história brasileira das doenças*. v. 6. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2016.

LE GOFF, Jacques (org.). *As doenças têm história*. Trad. Laurinda B. Lisboa: Terramar, 1985.

MARGOTTO, Selma Blom. *Terapias alternativas e medicina científica: encontro ou confronto?*. Vitória: EDUFES, 1998.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de; MARQUES, Rita de Cássia (Org.). *Uma história brasileira das doenças*, v. 2. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de. (Org.). *Uma história brasileira das doenças*. v. 3. Belo Horizonte: Argvmentvm Editora, 2010.

NEVES, Jayme Santos. Duas palavras. In: CABRAL, Sebastião. *Saúde pública no Espírito Santo: da Colônia aos dias atuais*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1992. p. 11.

RIOS, Maria Zilma. *Sanatório Getúlio Vargas: medicina e relações sociais no combate da tuberculose no Espírito Santo (1942-1967)*. 2009, 148f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

SERAFIM, Patrícia Rodolfo. *As epidemias que grassaram no Brasil e no Espírito Sanyo durante o século XIX, entre os anos de 1840 a 1860*. 2002. Monografia de conclusão de Curso de Graduação em História, Departamento de História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2002.

SOURNIA, Jean-Charles. O homem e a doença. In: LE GOFF, Jacques (org.). *As doenças têm história*. Tradução de Laurinda Bom. Lisboa: Editora Terramar, 1985. p. 359-361.